



ENTREVISTA

Carlo Mossy: cinema e pornochanchada¹

Carlo Mossy foi um dos principais diretores, atores e produtores da pornochanchada, comédias eróticas que marcaram a produção do cinema brasileiro nas décadas de 1970 e meados da década de 1980. Foi um dos principais galãs do cinema brasileiro daquela época.

A pornochanchada passa, aparentemente, por um momento de revisionismo. Artigos publicados em revistas, como na edição n. 52, da revista *Filme Cultura*. O *Canal Brasil*, recentemente, criou a série *Como era gostoso o nosso cinema*, seção em que são exibidos filmes da pornochanchada. Neste mesmo canal, a série *Musas*, com episódios de curta duração (10 minutos), apresenta um perfil das principais atrizes da década de 1970, como Helena Ramos, Alcione Mazzeo, Adele Fátima, Nadia Lippi e Sandra Bréa, estrelas das comédias eróticas.

Nesta entrevista, Mossy fala sobre sua formação, os primeiros passos no campo do cinema, dos filmes que participou, da pornochanchada, da censura e da forma de financiamento dos filmes na década de 1970 e 1980 e de seus projetos atuais.

A entrevista foi realizada no Bar Garota de Ipanema, Rio de Janeiro, no dia 17 de junho de 2011. Uma conversa bem humorada, característica marcante de Carlo Mossy e de seus filmes.

Carlo Mossy, inicialmente, fale um pouco de você.

Eu estou com 64 anos. Muito bem vividos, muito bem realizados, em todas as perspectivas e dimensões. Eu sou cineasta, completo agora em junho, dia 25, 45 anos de cinema visceral, quase meio século de cinema. Sou exclusivamente cineasta e nada mais. Eventualmente, faço pequenas participações em novelas, o que me agrada muito. Não tenho tempo para fazer novela em papéis principais, apenas participações. O cinema é minha vida. Eu respiro cinema até hoje.

Fale um pouco da sua formação, antes do seu interesse pelo cinema?

Fiz o ginásio, o científico, me formei, e jamais, em momento algum, adentrei numa faculdade. A minha faculdade é o dia a dia, a vivência mesmo, a prática. E quem me deu, na verdade, autoridade foram as mulheres, elas que me ensinaram, de certa forma, o existencial, o vertical e o horizontal [tom de

¹ A entrevista foi realizada por Jairo Carvalho do Nascimento (UNEB/Campus VI). Publicada, apenas, parte da entrevista.



humor]. Mas independente delas, também tive um guru na minha vida, uma pessoa que foi muito importante, um senhor que eu salvei a vida em 1965, de um afogamento, no mar de Copacabana. E ele, na verdade, se tornou meu guru durante muito tempo. Até hoje ele é, apesar de ele não viver mais, o Fernand Legros. Uma pessoa ligada à arte, a pintura, às artes plásticas, e foi considerado um dos maiores falsificadores, não ele como pintor, mas como *marchand*, um colecionador que vendia quadros falsos para o mundo inteiro. Então eu era um garotão bonito, bobinho, inconseqüente, como qualquer garoto de 17, 18, 19 anos. Família classe média. Hoje, eu sou pela terceira vez casado, tenho 5 filhos, 3 meninas e 2 meninos. A minha terceira mulher, que é 30 anos mais jovem, uma maranhense, deseja mais um filho, e eu, aos 64, estou em dúvida se mando ver ou não; mas, como eu sou um aventureiro, gosto dessa ideia.

E a sua relação com o cinema, quando e como começou?

Pois bem, o limiar, o início, de todo o começo, foi em Paris, na França. Estudei Artes Dramáticas no curso de Michel Simon durante quase quatro anos. Iniciei-me, teatralmente, na língua de Mollière. Fiz em Gênève um curso de fotografia para o cinema e, ao chegar ao Brasil, em 1967, chamaram-me de imediato para fazer uma peça de teatro no Copacabana Palace, dirigida por João Bittencourt. Era uma comédia chamada *Quarenta quilates* (Barillet & Gredy), ao lado de Madame Morineau, Cleide Yaconis, Cláudio Cavalcante, Mario Brasini, Delores Caminha, Jorge Dória, Lucinha Alves, Heloísa Helena, Nádia Maria e Dayse Lúcidy, um elenco estelar. Comecei muito, muito bem, digo. Mas, então, Odete Lara assistiu a peça e me chamou para fazer *Copacabana me Engana*, meu primeiro filme, um longa-metragem, um filme importante, um clássico do cinema nacional, dirigido por Antônio Carlos Fontoura. Eu sou o Marquinhos no filme. Foi filmado em 1968. Ganhei vários prêmios como melhor ator, como ator revelação. Atuei ao lado de Paulo Gracindo Paes, Claudio Marzo e Odete Lara. Odete Lara foi a minha guru, a feminina. Posteriormente, fui chamado para fazer *A penúltima donzela* [1969], com Adriana Pietro, *Estranho triângulo* [1969], com José Augusto Branco, José Wilker, primeiro filme do José Wilker, *Soninha toda pura* [1971], grande sucesso de bilheteria, com Adriana Pietro, Elza de Castro e Zélia Holmann. Então, comecei a tomar gosto, vendo o sucesso dos filmes e comprei, hoje seria mais ou menos dois milhões de reais, todo o equipamento mais moderno, mais sofisticado do cinema nacional e da América Latina na época. Criei a produtora Vidya Produções, que se transformou depois em Mossy Filmes, e comecei a produzir. A minha primeira produção foi *Como é boa nossa empregada* [1973], comédia, um clássico do cinema nacional, com Jorge Dória, primeiro filme de Pedro Paulo Rangel... São filmes que, na verdade, alguns denominaram, pejorativamente, de pornochanchada, e do nome pornô não tem absolutamente nada, infelizmente, porque se pudesse eu colocaria, mas a censura não permitiria [tom de humor], porque pornô é arte também. Então, são filmes que têm exatamente esse rótulo pejorativo; mas eu faço absoluta questão, hoje, de assumir como sendo os filmes mais culturais do cinema nacional, a pornochanchada. Porque a cultura, na verdade, você não pode infringí-la única e exclusivamente à psicanálise, à antropologia. A cultura, ela pode ser, e é, sobretudo, o bem-estar de quem assiste a uma peça, a um filme ou lê um livro. O bem-estar para mim é cultural.

A recepção do público é importante neste importante?

Muito importante.



Você tinha filmes que se preocupavam com detalhes estéticos que não atingiam 10 mil pessoas, mas existiam filmes que atingiam 3 milhões de expectadores...

No mínimo.

“Como é boa nossa empregada”, que chegou a quase 3 milhões...

Não, não, foram mais. Na verdade é o seguinte, vou te explicar. Na época não havia bilhete eletrônico, era bilhete que você comprava ali, o ingresso, entregava para o porteiro, e ele, em vez de rasgar e jogar dentro da urna, repassava esse mesmo bilhete novamente para a bilheteria. Então, o que eu costumava dizer, o que deixei de receber, trocava de olhos fechados pelo o que recebi como produtor. Hoje as coisas são diferentes, não existe mais cinema de bairro, são raros, os bilhetes custam muito caro. Hoje é uma elite que vai assistir filmes nos *shoppings centers*, porque não é todo mundo que tem R\$ 40,00, R\$ 50,00, R\$ 60,00 reais: o sujeito paga a entrada, mais a pipoca, mais o estacionamento. Enfim, é toda uma estrutura econômica que não é para qualquer um. Mas, a partir daí, de *Como é boa nossa empregada*, produzi 19 longas-metragens e posteriormente foram 22 curtas-metragens e dezenas de vídeos.

E dos filmes que você atuou, como ator e diretor, quais os que mais lhe marcaram?

Olha, todo filme me marcou, não existe um filme mais marcante em termos de vaidade, em termos profissionais, porque cada trabalho que eu fiz, fiz com muita paixão, muito amor e todos eles resultaram em positivismo. É difícil enumerar. Por exemplo, o filme mais visto do cinema brasileiro, um dos mais vistos, entre os cinco mais, *Giselle* [1980]. Um filme fantástico. É um drama erótico, na linha do *Emanuelle*, só que nós tropicalizamos. É um filme muito comentado, muito visto, excepcional em termos técnicos, os atores são maravilhosos... Enfim, fiz questão sempre de manter uma qualidade acima da média nos meus filmes, apesar de serem comédias. A comédia é um gênero como o policial, o drama, e optei por esse gênero pelo simples fato de ele resultar num retorno muito mais provável, mais rápido. Porque fazer “*Cú-de-toro*”, que a gente chamava, filmes intimistas, culturalistas, herméticos, qualquer um faz, esses filmes não davam mil pessoas, duas mil pessoas. Os meus filmes, no mínimo, davam três milhões. Para você ter idéia, *Giselle* fez mais de 10 milhões de expectadores. O pessoal ligado a Embrafilme, o pessoal da “patota”, não vai admitir nunca isso. Mas fez tanto quanto *Dona Flor e seus dois maridos*, e foi vendido para 60 países.

Eu vi essa semana na Cinemateca Brasileira [13 a 16 de junho], em uma revista, que Giselle foi exibido por muito tempo na França, com muito sucesso.

Na França, nos Estados Unidos... Fez sucesso em toda parte do mundo, na Bélgica, na Suécia, no Japão. Até hoje recebo e-mails renovando os contratos, de alguns sérios, porque a maioria não é distribuidor, usa e abusa obviamente da continuidade sem renovar os contratos. Mas vendi muito, muito bem, vendi por quase um milhão de dólares. Foi um filme muito bem vendido, não somente esse, vendi todos os meus filmes para DVD, para o mundo inteiro, todas as minhas comédias. Uma coisa que é bom frisar, não sou produtor, diretor, ator e roteirista exclusivamente das pornochanchadas, maravilhosas pornochanchadas. Fiz, lógico, dramas, drama policial. Fiz *O sequestro de Carlinhos* [1981], um filme chamado *Pinóquio*, que é infantil, comédias românticas, que eu não julgo ser uma pornochanchada, como *Essa gostosa brincadeira a dois* [1974], com a Vera Fisher, que está mais para



uma comédia romântica. Todos os meus filmes têm uma trilha musical fantástica, grandes compositores da MPB, como José Rodrigues, José Itamar de Freitas, Wando. Olha, se você pegar todos os meus filmes tem grandes autores musicais, com grandes atores, grandes diretores de fotografia. Na verdade, são filmes muito importantes culturalmente, sobretudo.

Eu gostaria que o senhor falasse sobre a questão do financiamento e a distribuição de filmes na década de 1970.

A gente fazia filme do próprio bolso. Já vendi apartamento, carro e moto para pagar o diretor, os atores e os técnicos, porque a inflação chegava a 80% ao mês e não existia essa de captação de recursos. Essa captação, era captação de amigos, ou seja, um, dois ou três, que entravam e coproduziam, financiavam o filme. A gente vendia pelo menos uns 8 apartamentos para pagar os custos de um filme, mas em compensação eu pude recuperar todos os apartamentos e mais outras coisas. Nunca pretendi ser rico, ganhei muito dinheiro, gastei toda a minha grana, toda ela com mulheres. Acordava de manhã, ao lado de uma namorada, de uma esposa, e dizia: “*Vamos para Las Vegas, vamos para Paris, mas não leva nada, leva só uma calcinha e uma escova de dente que o resto a gente volta com a mala cheia*”. Sempre gostei desse lado de contracultura, o anticonvencional, o aventureiro, apaixonado pela vida e o que ela pode te dar e não, simplesmente, a “burocracia existencial”. Hoje você está me encontrando, está me vendo, estou numa muito boa, principalmente no melhor momento da minha vida conjugal, como pai... Então, a gente fazia filme com dinheiro próprio, diferente de hoje, que existe a indústria da captação, em que a maioria, a grande maioria, posso falar de uma forma bastante ostensivo, não se importa com o resultado do filme, porque o resultado já antecede porque as captações são tamanhas, enormes, que 10%, 15% da administração resolve o problema por um ano ou mais de quem administra os filmes. Então eles cavam solenemente os resultados do filme, não digo todos, porque todo diretor quer realmente um resultado positivo, quando o produtor lhe dar essas condições, mas quando o diretor é produtor ao mesmo tempo, ou seja, coligado, ele pouco liga para o sucesso do filme, porque a grana é que é importante. É por isso que poucos filmes fazem sucesso no Brasil. Além do mais, a juventude dos cineclubes, tenho muita ligação com a garotada nova, com os curtas-metragistas, eles dialogam com os filmes da pornochanchada. Os filmes, não importa o gênero, tinham alma. Os filmes de hoje são folhetins, ou seja, praticamente são televisivos. Acho que cada fotograma é importante, seja ele qual for, de pretensos cineastas ou veteranos, eles jovens ou não. Não estou na fase de criticar, chamar A ou B de melhor, em termos de cinema. Qualquer fotograma que seja concebido, seja ele de celuloide ou em termos digitais, a gente tem que tirar o chapéu e juntar-se para fazer o cinema nacional novamente, porque na época nós quase atingimos 50% do mercado, e hoje a gente chega a 10%.

4

A Embrafilme, ela participava da pornochanchada?

É, ela participou. A Embrafilme, comigo, em duas ocasiões como distribuidora, em duas oportunidades. A Embrafilme foi uma excelente ideia, que participei na conjuntura da criação da empresa, quando eu era um dos principais produtores mais ativos do cinema brasileiro na época. Mas foi uma boa ideia, eventualmente, mal administrada, embora fomentasse o cinema brasileiro, que acabou se suicidando.

Mas assim, no conjunto, em geral, a Embrafilme financiou a pornochanchada?



Não. Na Embrafilme não existiu exatamente um lado elitizado, quer dizer, um lado preconceituoso, mas ela olhava mais para os filmes chamados culturalistas, de autor. A gente sabe, para não citar nomes, de quem na verdade usufruiu mais da Embrafilme, isso é fácil de verificar. A pornochanchada não tinha, na verdade, nenhuma entrada, não havia porta aberta porque a pornochanchada, em si, fazia sucesso de qualquer jeito, não precisava da Embrafilme.

Fale de seu filme de maior sucesso, Giselle (1980)...

Giselle é realmente maravilhoso, fantástico. Outros filmes também fizeram relativo sucesso de crítica, como *O sequestro de Carlinhos*. Os críticos da época, teorizavam, faltavam xingar a mãe do diretor, não viam o cinema popular, a comédia popular, a pornochanchada, um cinema que resultava em risos e aplausos e não em quebra-cabeças psicológicos, não havia essa intenção. A intenção era fazer filmes. Havia as boas pornochanchadas e as “mais ou menos”, jamais disse que havia uma ruim, o cinema nunca foi ruim. A questão é de capacidade, sensibilidade, de *timing* dos diretores, dos roteiros. E essa “briga” Rio de Janeiro/São Paulo, que a gente está falando, na verdade existe até hoje: a briga é atemporal, não resulta em absolutamente nada, é boba, esvazia no conteúdo, porque tanto faz que seja filme pernambucano, cearense, baiano, carioca, paulista, hoje em dia não tem mais fundamento essa briguinta babaca, regional. Havia, sim, na época, não sei se dizer por que razão, certa disputa entre Rio de Janeiro e São Paulo. Dizia-se que São Paulo tentava fabricar “pornochanchada cabeça”, ou seja, culturalizadora, enquanto o Rio de Janeiro botava mais glamour, mais em função de sua geografia, de suas praias. Mas ambas as escolas são fantásticas, a Boca do Lixo, em São Paulo, e a Boca da Fome, aqui no Rio de Janeiro. Hoje eu tenho encontros com os remanescentes, os sobreviventes, pessoas fantásticas, por exemplo, o Alfredo Sternheim, um grande diretor, que está colocado de lado; o Victor di Melo, que era meu professor também, um guru, morreu recentemente de tristeza, era também produtor; quer dizer, é uma pena, é uma pena, que não se vê, mas acho que é universal esse ostracismo...

5

Mas eu acho que está tendo um revisionismo. Por exemplo, o Canal Brasil há anos exhibe pornochanchadas à noite. Em matérias de algumas revistas, como a Filme Cultura, que foi relançada novamente, tem artigos versando sobre a pornochanchada, a Revista de Cinema...

Existe. Esse revisionismo, na verdade, é muito graças a dois fatores. Primeiro, o *Canal Brasil*. O *Canal Brasil* é um ressuscitador do cinema nacional, a gente não pode nunca se esquecer de salientar isso. É importante sempre falar do *Canal Brasil* como um dos grandes méritos da televisão brasileira, em resgatar as pornochanchadas dos anos 1970, 1980, e das chanchadas do Grande Otelo e Oscarito. E há uma pessoa, que dentro da Internet, há mais de uma década, faz questão de comentar, idealizar e dar continuidade: Andréa Ormond. Acho que você já ouviu falar. Ela tem um Orkut chamado “Estranho Encontro”, onde tem toda uma crítica, que tende a ser pluralista e não única e exclusivamente um olhar pessoal, de quase uma centena de filmes. Então eu repito: a Andréa Ormond tem na internet um blog chamado “Estranho Encontro”, você vai ver que coisa maravilhosa que essa garota está fazendo, juntamente com o *Canal Brasil*. Esse revisionismo existe, existe toda uma tendência cada vez maior de se criar inclusive cineclubes, que já existem muitos, baseados exatamente nos filmes dos anos 1970, com muitas pornochanchadas, filmes de cowboy, com tudo... Pornô, digo novamente, é apenas um rótulo pejorativo.

E dos dois filmes que você citou, que a Embrafilme havia lançado, quais foram?



Ódio [1977], que é um drama, um filme dramático. E se não me engano, acho que foi *Essa gostosa brincadeira a dois* [1974], mas como distribuição... Mas não foi ela que distribuiu não, foi a *Condor Filmes*. A Embrafilme entrou com uma pequena participação para distribuir, mas acabou sendo distribuída pela *Condor Filmes*.

O que foi a pornochanchada para você, em linhas gerais?

Ela é o baluarte, a bandeira do cinema popular brasileiro. A vitalidade do cinema brasileiro hoje deve-se muito a pornochanchada. Eu repito: tem que existir o cinema de arte, claro, tem que se colocar nos cinemas, como havia no Cinema Paysandu, o Cinema 1, principalmente em Vitória da Conquista, onde você mora, que deve ter um cineminha, que tem um cineclube, para quem se interessa para um “cinema mais cabeça”. Eu também gosto, sou intelectual, falo seis línguas fluentemente, e me dou o espaço de no máximo duas ou três horas de intelectualidade por dia, porque ser intelectual 24 horas é um saco, uma merda, é chato. Então eu acho que é válido ver os filmes do Ingmar Bergman, mas o Brasil não nasceu sueco, nem Woody Allen, nós fazemos filmes para a maioria, para ter retorno.

O termo pornochanchada, surgiu quando?

A pornochanchada surgiu no início da década de 1970, logo depois de *Os paqueras* [1969]. O cinema, exatamente a comédia erótica, estava dando muito certo, e então os críticos, sobretudo eles, juntamente com alguns cineastas agregados, acoplados a esses críticos, perguntaram: “Bom, como é que a gente vai fazer?” “A gente vai ter que desmoralizar através de um rótulo”. Então inventaram o termo pornochanchada. Aí virou. A mídia, na realidade, começou a contemplar exatamente o rótulo. E hoje, na verdade, é *cult* [risos].

Alfredo Sterheim...

Alfredo Sterheim, ele dirigiu o filme *Lucíola, o anjo pecador* [1975], com a Rossana Ghesa. E também dirigiu um filme em que eu sou um padre. Imagine, Carlos Mossy fazendo um padre! Foi em *Pureza proibida* [1974], também com Rossana Ghesa.

Ele falou que o erotismo não era um defeito de moralidade, apenas uma fórmula para satisfazer o gosto popular.

Isso.

Então como você analisa o lado erótico da pornochanchada?

O erotismo existe até nas dramaturgias, em tudo. Tudo se baseia no erotismo. O erotismo é começo, meio e fim. A gente nasce erótico e morre erótico. A forma como você o mostra, como o apresenta, é que te dar maior sabor. Eu, por exemplo, sou apaixonado pelos filmes pornográficos, sexo explícito, penetração. Sou apaixonado porque me excita, é o meu Viagra. Eu e minha mulher gostamos de assistir, quando temos vontade, um filme pornográfico. A pornografia é o erotismo vitalizado, a pornografia é o pós-erotismo. Então eu acho que o erotismo faz parte da essência do ser humano. A gente respira erotismo. Você pega aí esses filmes do canal a cabo sobre a natureza, você vai ver um mosquito, uma pulga, um micróbio, vivem em função de comer, de se alimentar, biologicamente, e do



erotismo. Pega aí qualquer pomba, uma baleia querendo transar toda hora. O lado macho é mais agressivo em termos eróticos. A fêmea, ela é mais passiva. Lógico que tem exceções. Ela é mais para o lado romântico. Quer dizer, o homem é mais erótico em seus fundamentos, inclusive tudo se baseia, conforme o meu ditado: o dinheiro é o “Deus da Terra” e o erotismo é, na verdade, a sobremesa cósmica.

Como os críticos da época, que escreviam para jornais, revistas, comentavam, avaliavam as comédias eróticas?

Em relação aos críticos da época, a gente dizia, numa forma de brincar, que o “bonequinho” dos críticos era viado, não gostava das mulheres peladas. Os críticos, alguns eram possivelmente viados, mas isso não tem nada a ver, nós somos todos “bi”, alguns assumem e outros morrem antes, mas somos todos “bi”. Mas eles não gostavam das mulheres nuas no cinema da pornochanchada. Existia uma relutância, obviamente, a essas comédias, e eles se julgavam e alguns se julgavam ainda os donos da verdade. Cinema não é apenas, digamos, o lado literário, cultural, político. O cinema é show, você pode mostrar sexo, erotismo, você pode mostrar sensualidade, sem, no entanto, ser hermético, elitista em termos literários, psicológicos, fundamentalmente antropológicos. Arte é arte. Ela é generalizada, você não pode dizer “isso é melhor que aquilo”. Sabe! Qual é a melhor comida? Às vezes a gente tem vontade de comer pizza, de comer caviar, um bolinho de bacalhau, de comer um sanduíche de mortadela, depende da ocasião, das circunstâncias, não é?. Você não bebe champanhe em um copo de plástico, possivelmente por razões de reflexos condicionados, o champanhe tem que vir numa taça de cristal, de preferência da Tchecoslováquia, não é?. Então, não tem nada, tudo é uma grande mentira, meu querido. Na minha opinião, com experiência de vida, dinâmica, intensa, sou apaixonado pelo cinema, sou apaixonado pelo livro, sou apaixonado por tudo o que é audiovisual, esteticamente ou não esteticamente. Entendo hoje que sou adaptável às coisas. Afinal, a vida é uma arte de viver, não é? Então, não posso dizer que uma coisa é melhor que a outra, se não agradou a mim, deve agradar a outro, mas sempre há de agradar a alguém. Luto para fazer o melhor, dentro da minha capacidade. Eu sou limitado, dentro da minha civilidade, da minha capacidade criativa, dentro da minha capacidade cognitiva. Mas tento fazer o meu melhor, dentro da minha relatividade, que é proporcional à minha pessoa.

Fale da censura em relação aos filmes da pornochanchada.

A censura foi benéfica para a pornochanchada. Os censores, os militares, acreditavam que a pornochanchada amenizaria possíveis, digamos, greves, movimentos políticos. O público, assistindo a pornochanchada, seria como se fosse um fator de acomodamento, de paralisação, tranquilidade, desanimaria qualquer eventual progressão política. Na verdade, o brasileiro político é elitista. Você ver hoje, mais de 60% de semianalfabetos, e votam naqueles que são os mandantes. Eu sou contra a obrigatoriedade de votar. Se não houvesse essa obrigatoriedade, queria ver como é que seria a política hoje. Então havia a censura. Na verdade, na época, censuravam-se mais as músicas, Chico Buarque, Caetano Veloso, e filmes eventualmente politizados, de alguns diretores fundamentalistas brasileiros e também de diretores experimentalistas, que faziam filmes com “sotaque político”, como os glauberianos. Mas as minhas pornochanchadas também tiveram problemas. Todas as vezes que eu chegava lá, em Brasília, os censores falavam: “Putá que pariu, já vem mais um filme do Mossy”. Eu carregava rolos de filmes. Ficava uma semana hospedado no Hotel Nacional, tomando uísque obviamente, mantendo relacionamentos com as prostitutas locais, que vinham mais do Rio de Janeiro e



do Sul. E eu esperava uma semana para liberar os meus filmes. Mas eu, malandramente, e repassava isso para os meus colegas, incluía mais cenas que não tinham nenhuma conotação, nenhuma validade, digamos, estética para o filme, propositadamente para que fossem cortadas. E eles cortavam exatamente aquilo que a gente esperava. Os filmes, na maioria, passavam imunes a esses cortes. Mas houve cortes, lógico, no áudio e no visual.

A censura era mais moral...

Esses mesmos censores que estão vivos hoje, tem os netos sentados no colo e assistem, em horários versperitinos, as pornochanchadas. Hoje, na verdade, as novelas, sob o meu ponto de vista, são muito mais fortes, em termos de conotação sexual, do que eram as nossas pornochanchadas. Eram filmes ingênuos.

E filmes que foram efetivamente proibidos?

O meu *Giselle* foi proibido durante meses, ao mesmo tempo do filme japonês, *Império dos sentidos*. Ambos foram liberados após três meses de briga, tentando o convencimento para os censores. Enfim, eles liberaram praticamente sem cortes, porque a mudança, democraticamente falando, estava em andamento e havia uma abertura moral, entre aspas, maior. Como se a moral tivesse peso, medida. Coincidiu, em 1982, liberarem *Giselle* com um certificado, o primeiro certificado do cinema nacional dito o seguinte: “primeiro filme considerado pornográfico”, com o número 001. A mesma coisa aconteceu com o filme *Império dos sentidos*, o certificado 001 para filmes estrangeiros. Mas tivemos outros filmes proibidos, que só foram liberados alguns anos depois. Não me lembro agora.

Da pornochanchada, não é?

Da pornochanchada não... Da pornochanchada não houve um que foi definitivamente preso, não. Eu não me lembro muito. Não, não me lembro... O filme do Cláudio Cunha, *Rebuceteio* [1984], que tem sexo explícito, não me lembro se foi proibido, mas foi liberado depois. Mas aí já como filme pornográfico.

Em uma entrevista você disse que todo brasileiro é pornochanchadeiro de nascimento...

É mais ou menos aquilo que eu falei. Todo brasileiro é pornochanchadeiro porque ele nasce em um clima erótico, erotizado. O brasileiro é considerado um dos mais eróticos do mundo porque ele fundamenta menos a teoria e faz mais a prática. E isso desde criança. Do Oiapoque ao Chuí, o brasileiro respira sexo. De certa forma, posso ser até um pouco inconveniente em dizer, radicalizar, esse tipo de... O homem brasileiro, sobretudo o macho, ele é absolutamente pornochanchadeiro. Diferente da mulher, lógico. A mulher é uma espécie diferente. Ela é mais inteligente, sensível, mais capaz. O único erro da mulher é tentar ser homem. O que aconteceu com a liberdade, com a revolução feminina. Mas tentar se comparar a putaria do homem é que não pode, para ela não deixar de ser romântica, mulher. Agora, ela querendo ser “bi”, aí tudo bem. Tudo é válido! A mulher, a mulher mesmo, ela não pode deixar de ser mulher e, eventualmente, de uma forma mentirosa, ser submissa, porque o homem gosta de uma mulher submissa. Não precisa ser submissa, mas aparentar-se submissa para conquistar o homem que ela gosta.



Em São Paulo, denominaram de Boca do Lixo o centro de produção de filmes, e no Rio de Janeiro você falou que era a Boca da Fome. Fale sobre isso.

A *Boca do Lixo* ficava na Rua do Triunfo, São Paulo, onde se concentrava os atores, diretores, produtores: Massaini, ele era produtor, Walter Hugo Khouri aparecia de vez em quando, Ody Fraga, David Cardoso. A turma toda se concentrava na Boca do Lixo, na década de 1970. E lá eles criaram a estética do cinema da Boca do Lixo, seja ele policial, erótico, pornochanchada. Então, a Boca do Lixo era o núcleo, a base do cinema paulista. A mesma coisa acontecia aqui na Boca da Fome. Ficava aqui na Cinelândia, onde a gente se encontrava com os técnicos, diretores de fotografia, produtores, distribuidores, exibidores. Agora, onde se construía mais, em termos de pornochanchada, era na Fiorentina. Fiorentina era um Bar/Restaurante, localizado no Leme, onde a gente se encontrava à noite, entre intelectuais e menos intelectuais, construíamos ali os primeiros pormenores do filme. Começávamos pelo título. O título... era o inverso: “qual o título do próximo filme Vitor, e aí Milton Moraes, e aí Jô Soares...” Era um conjunto de não-formalismos, que a gente comia, dividia, ali na mesa, entre espaguete, camarão, sopa. Sentava ali na mesa o Jô Soares, o Rubens de Falco, o Mário Lago. E ajudava a gente a construir a pornochanchada. Era um paradoxo, mas é a grande verdade. O Jece Valadão, durante vinte anos consecutivos, membro da Fiorentina. Construiu-se, possivelmente, o grande lance da pornochanchada. A Cinelândia era a parte mais técnica. Na Fiorentina era a parte mais intelectualizada, mais intuitiva, responsável pela construção dos filmes.

Mossy, do ponto de vista econômico, qual o marco da pornochanchada para o cinema da década de 1970?

A pornochanchada representava 99% da economia do cinema brasileiro. Terminou a pornochanchada terminou o cinema. Hoje, quais são os filmes que mais fazem sucesso: a “pornochanchada”. Vamos citar: *Se eu fosse você 1* e *Se eu fosse você 2*, para mim, é pornochanchada. Só que é esteticamente produzido, tecnicamente produzido, com atores maravilhosos. *Os normais* [2003] é uma puta de uma pornochanchada. São filmes construídos com outra visão, outra estética. *A mulher invisível* [2009]... *Bruna Sufistinha* [2011], onde fui chamado para fazer uma crítica no jornal *O Globo*. A primeira crítica foi feita por mim.

Qual o significado da pornochanchada para o cinema nacional?

Já falamos sobre isso. Ela é a base do cinema popular. E continua sendo, em menor número, mas continua sendo. A pornochanchada é o lado *cult popular*. Está sendo resguardado, respeitado, e está tendo toda uma revisão da época. Conforme eu disse, nem todos os filmes são de agrado de todo mundo. Tinha filme mais bem feito, filme menos bem feito, outros com mais qualidade, outros com menos qualidade. Mas temos que reverenciar cada fotograma de cada um desses filmes dos anos de 1970 e 1980, porque houve um esforço, não que tivesse havido talento, mas houve um esforço de cada produtor, de diretor, em desenvolver o mercado nacional. Graças à pornochanchada, você pode ter certeza que existe ainda a esperança, o resquício que se volte a fazer esse tipo de filme. Porque o brasileiro é pornochanchadeiro. Isto não quer dizer que ele não assista a filmes de Woody Allen, de Ingmar Bergman, do Steven Spielberg, de Fritz Lang. Mas brasileiro gosta do que é nativo. E a maioria do público brasileiro compõe-se exatamente de pessoas simples, do povo. Mais de 10% é elite, gosta de ver filmes mais complicados para puder chegar a um bar, tomar um chopp e discutir com a mulher e



amigos sobre a temática do filme. A temática de nossos filmes populares é única, fazia com que a pessoa saísse do cinema feliz, alegre. Ou isso não é cultura?

Mossy, para encerrarmos, quais são os seus projetos atuais?

Estou com um longa-metragem, dirigindo e produzindo. É um filme saudosista, um “docudrama” musical chamado *Garota de Ipanema, O Bar*. Estamos produzindo, vai levar ainda uns seis, oito meses até a realização final. Tenho três curtas-metragens, estou produzindo mais um, sou ator em outros dois; estou escrevendo um livro chamado *O Código Mossy*, devidamente registrado, estamos na metade do livro...

O livro é um romance ou uma autobiografia?

É um romance autobiográfico, porque quero fugir do convencional, da autobiografia, falar eu, que eu... Vai ser tudo na primeira pessoa, mas vai ser romanciado. Vai ter detetive, suspense, assassinato, pedofilia, tudo o que a sociedade moderna tem, exige e convive.

Caro Mossy, muito obrigado pela entrevista...

Oh! meu querido, estou a disposição. Foi um prazer falar contigo. E abraço para o pessoal da Bahia.